

Documentação

OCIOAMBIENTAL

Fonte: O Globo

Data: 8/12/73 Pg. 6

Class: ALR00034

Apoena cansou de pacificar; quer viver junto aos índios

Fazenda Canuana, Goiás (De Etevaldo Dias, Erno Scheneider e Pedro Martinelli, enviados especiais) — “Esta será minha última pacificação. Agora, quero ir para algum parque indígena, onde possa aplicar a filosofia indigenista de meu pai: só pacificar e entregar o índio à civilização não me satisfaz: é como abandoná-los à própria sorte.”

Apoena Meireles está disposto a abandonar a Funai, se não o transferirem para algum parque indígena. Ele prefere o Aripuanã, parque criado por Chico Meireles. Apoena acha que só num parque poderá fazer um trabalho sério pelos índios, aplicando uma política indigenista de integração, de acordo com idéias de seu pai, Francisco Meireles, recentemente falecido.

— O trabalho de pacificação — diz Apoena — é gratificante no sentido da aventura, mas é necessário pensarmos no futuro. Só por aventura, o trabalho torna-se egoístico. Acredito que outros possam fazer pacificação, pois eu agora quero parar com tribos, quero viver com eles, participar de sua luta, acompanhar e tentar uma maneira de integração que lhes seja menos dolorosa.

A saída de Apoena da pacificação dos avá-canoeiros não poderá ocorrer a curto prazo. É uma tribo que se dividiu em vários grupos de 10 a 12 índios e passou a viver em câmpões, espalhados numa larga região de Goiás.

A técnica que Apoena deverá usar é a dos contatos por meio deste primeiro grupo. Tanto que os cinco índios estão sendo tratados de maneira especial: com gestos, Apoena tenta explicar que todos precisam ir para a Fazenda.

Dentro de alguns dias, Apoena deverá sair com os cinco índios avá-canoeiros e voltar até à aldeia, para atrair os outros, talvez oito índios.

Restam ainda os avá-canoeiros estabelecidos na Serra do Cavalcanti, e que estão sendo trabalhados por Israel Praxedes, sertanista que há cinco anos tenta o contato

com eles. Apoena acredita que, concretizada a pacificação do seu grupo, poderá levar alguns avá-canoeiros para Cavalcanti.

— Não sabemos como é o relacionamento entre os grupos, já que de Canuana até Cavalcanti existe uma distância de 600 quilômetros, aproximadamente, e pode ser que estes dois grupos não se dêem bem. Um pode ser dissidente do outro. Entretanto, são especulações: não sabemos nada sobre eles.

O desejo de Apoena é juntar os índios dentro da Ilha do Bananal, onde possam sobreviver. A região não oferece lugar para uma reserva muito ampla, porque está inteiramente ocupada por fazendas, estradas, sítios e cidades.

Avá-Canoeiros

Até agora, os avá-canoeiros não manifestaram vontade de voltar à tribo. Estão impressionados com a fatura de carne. Apoena mandou que matassem um boi só para os índios, que passaram a noite toda comendo carne mosqueada, sem sal.

As crianças avá-canoeiras estão muito à vontade, brincam com filhos de trabalhadores

da fazenda, apesar de uma não entender nada do que a outra diz. A mulher continua com seu trabalho normal, cuidando do filho e da carne assada.

Os grupos de curiosos continuam chegando de todos os lugares próximos e até de regiões mais distantes. Alguns deles dormiram ao relento, junto com os índios. Já não existe nenhum medo de parte a parte. As primeiras palavras dos avá-canoeiros começam a ser aprendidas por Apoena, com muita dificuldade, já que a língua é completamente estranha.

Apoena ainda acha difícil arriscar alguma conclusão sobre a origem dos avá-canoeiros, mas admite que tenham descendência tupi. Sua mulher, Denise, que o acompanhou durante toda a pacificação, exceto na entrada na aldeia, também notou algumas características do grupo tupi. Mas tanto ele como ela advertem que é muito cedo para se chegar a conclusões.

Os avá-canoeiros continuam sendo um grupo estranho, de origens desconhecidas. Seu aspecto físico difere também dos carajás, que habitam na região.



As mulheres da tribo carregam os filhos nos ombros